

É NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRA: A atuação do Coletivo Negro Magali da Silva Almeida no contexto da pandemia da Covid 19

Joyce Santos

Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Integrante do Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida. E-mail joycepgc@gmail.com

Vanessa Zoraide Domingos

Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Integrante do Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida. E-mail: vanessazdomingos@gmail.com

É NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRO: atuação Coletivo Negro Magali da Silva Almeida no contexto da pandemia da Covid 19

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo apresentar através de um relato de experiência o processo de organização e atuação vivenciado pelo Coletivo Negro Magali da Silva Almeida durante o contexto pandêmico causado pelo vírus SARS-CoV-2 (Covid-19), bem como as dificuldades encontradas pelo Coletivo, desde a implementação do ensino remoto emergencial e os impactos dessa nova modalidade na vida de estudantes negras(os). Com o objetivo de compreender a importância da socialização acerca do debate racial, a atuação do Coletivo contou com práticas ofertadas via plataformas digitais como lives, cursos, etc. Concluiu-se que tal experiência reafirma a relevância de continuar compartilhando assuntos relacionados a questão racial visando o combate ao racismo.

Palavras-chave: Ensino a distância. Covid-19. Coletivo.

ES EN LA LUCHA QUE LA GENTE SE ENCUENTRA: performance Negro Colectivo Magali da Silva Almeida en el contexto de la pandemia de Covid 19

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo presentar, a través de un informe de experiencia, el proceso de organización y desempeño vivido por el Colectivo Negro Magali da Silva Almeida durante el contexto pandémico causado por el virus SARS-CoV-2 (Covid-19), así como las dificultades encontradas por el Colectivo, desde la implementación de la educación remota de emergencia y los impactos de esta nueva modalidad en la vida de los estudiantes negros. Para comprender la importancia de la socialización sobre el debate racial, la actuación del Colectivo se basó en prácticas ofrecidas a través del uso de las plataformas digitales como las transmisiones en vivo, cursos, etc. Se concluyó que tal experiencia reafirma la relevancia de seguir compartiendo sobre el tema racial para combatir el racismo.

Palabras clave: La educación a la distancia. Covid 19. Colectivo

INTRODUÇÃO

A população negra no Brasil sofre um processo histórico de exclusão e marginalização. Devido a essa realidade, muitos direitos seguem negados a essa parcela da população. Como exemplo, a educação universitária que se mantém como uma pauta de reivindicação dos movimentos negros, indígenas e quilombolas. Com a implementação do sistema de cotas, como uma das medidas de reparação dessas desigualdades, a universidade passou a ter na sua comunidade estudantil, a presença de estudantes de variados grupos étnicos. No entanto, ainda em 2020, com cerca de 12 anos

de implementação das cotas, o quantitativo de pessoas pertencentes a grupos racializados dentro da universidade ainda expressa as desigualdades raciais e sociais do país.

De acordo com Munanga (2006, p. 7):

O debate sobre as políticas de ações afirmativas e de cotas em benefício dos alunos negros e pobres no ensino público universitário parte do quadro das desigualdades sociais e raciais gritantes, acumuladas ao longo dos anos, entre brancos e negros. Essas desigualdades observam-se em todos os setores da vida nacional: mercado de trabalho, sistema de saúde, setor político, área de lazer, esporte, educação, etc.

Com base nesse cenário, ao adentrar a universidade, muitos desses estudantes pertencentes a grupos racializados sentem uma grande dificuldade de inserção nos espaços, que em sua maioria, expressam a dinâmica da sociedade, a majoritariamente branca, compondo as principais estruturas. No caso da universidade, os diretórios acadêmicos, centros acadêmicos, grupo de pesquisa, projetos de extensão, cursos de idiomas, bolsas de pesquisa e etc. Esse cenário se dá porque, ao entrar na universidade, muitos estudantes negros e indígenas (bem como outros grupos marginalizados) ainda precisam dividir com a sua jornada acadêmica a constante preocupação com a permanência estudantil.

Diante do contexto de múltiplas exclusões e demandas que os estudantes negros, indígenas e de camadas populares enfrentam ao entrar na universidade, a presença de Coletivos que se propõem a ser espaço de acolhimento, organização e reivindicação de lutas, são extremamente necessários. Esses espaços, tornam-se alternativas de aquilombamento para os estudantes racializados, permitindo, para além da fomentação de debates, a organização da luta Coletiva, por grupos historicamente excluídos.

Em vista disso, no dia 9 de setembro de 2017 as/os estudantes negras e negros do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina fundaram o Coletivo Negro de Serviço Social Magali da Silva Almeida (Coletivo Magali), com o objetivo de fortalecer política e academicamente estudantes negras e negros do curso. Uma das principais motivações para o surgimento do coletivo era a falta de debate da questão étnico-racial sentida pelas/os estudantes negras/os.

A escolha do nome surgiu depois de procurarem por uma representatividade negra da categoria profissional. Após muitas buscas, o nome Magali da Silva Almeida chega aos estudantes fundadores através de indicação. Conhecida por ser ativista do Movimento Negro brasileiro³² e uma das pioneiras no debate da questão racial no interior da profissão, a Profa. Dra. Magali da Silva Almeida tornou-se madrinha oficial do coletivo depois do convite que ocorreu em um evento do qual a assistente social participou no mesmo ano em Florianópolis.

Ao passo que o movimento foi ganhando espaço, houve a necessidade de abranger a categoria profissional de assistentes sociais negras e negros(os), caracterizando-se como um marcador importante pela ausência da discussão durante o processo de formação. Tal aproximação demonstra o engajamento dessas profissionais, pois um dos princípios fundamentais estabelecido no Código de Ética da(o) assistente social é: "compromisso com a qualidade dos serviços prestados à

32 "Movimento Negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural" (DOMINGUES, 2007, p. 101).

população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional" (CFESS, 1993, p. 24), ou seja, busca permanente por qualificação.

Esse artigo se propõe a compartilhar em forma de relato de experiência algumas das vivências, projetos, intervenções e acúmulos do Coletivo Negro Magali da Silva Almeida, durante a pandemia do Covid-19.

DESENVOLVIMENTO

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China, foi descoberto um novo vírus, denominado SARS-CoV-2, causador da doença popularmente conhecida como Covid-19. Com o aumento rápido de casos pelo mundo, em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o surto dessa nova doença como uma emergência de saúde pública. Posteriormente, a Covid-19 foi caracterizada como pandemia.

Devido à transmissão do vírus ocorrer através “de uma pessoa doente para outra ou por contato próximo por meio de: toque do aperto de mão contaminadas, gotículas de saliva, espirro, tosse, catarros, objetos ou superfícies contaminadas” (BRASIL, 2020), houve a necessidade de diferentes medidas serem adotadas para controle e prevenção da doença, sendo o distanciamento social um dos recursos mais utilizados, além do uso de máscara, sabão para lavar as mãos e álcool em gel.

Gomes *et al.* (2020) se refere ao distanciamento como uma das medidas mais efetivas contra a doença e, por ter essa classificação, houve a necessidade de reavaliação no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o distanciamento social impôs a adoção do ensino remoto para continuarem com os estudos.

Com o advento da pandemia, as estratégias de ensino remoto são importantes meios de contenção dos efeitos do distanciamento social; no entanto, as evidências sugerem que inúmeras lacunas serão criadas sem a interação professor-estudante (GOMES *et al.*, 2020, p. 1).

Com a autorização das aulas não presenciais pelos órgãos que regulamentam a educação, a Universidade Federal de Santa Catarina aderiu ao ensino remoto, tendo como principal preocupação o cumprimento do calendário acadêmico e não as condições objetivas e psicológicas das/os estudantes acompanharem essa nova modalidade.

Assim, a Universidade, ao determinar

que a interrupção das aulas presenciais deveria ser mediada por tecnologias de informação visando sua continuidade, parece não compreender que no seu interior comporta grupos que possuem diferenças sociais e econômicas significativas e que isso, conseqüentemente, implica acessos desiguais (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 70).

Segundo Silva (2020, p. 1), “o ensino a distância preconiza a existência de uma infraestrutura para oferta de ensino, uma rede de professores e tutores, formação docente e discente para o uso das plataformas e recursos, e o ensino remoto emergencial ora implantado em poucos casos garantiu essas condições”.

Diante da pandemia do Covid-19, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes aumentaram exponencialmente. Devido às medidas de isolamento social, as interações acadêmicas passaram a acontecer por meios virtuais. No entanto, a impossibilidade da participação de estudantes em espaços online demonstra a vulnerabilidade de estudantes dos grupos racializados e historicamente excluídos, que não têm acesso a meios materiais, como espaço físico, tempo e diversas outras demandas que os impedem de adentrar no que alguns no meio universitário insistem em chamar de “Novo Normal”.

Oliveira, Passamani e Rosa (2020, p. 68) destacam

[...] que muitos estudantes residem em lugares (por exemplo sítios e/ou municípios pequenos) em que não há disponibilidade de meios virtuais/eletrônicos/internet facilitados ou em número suficiente; dada a especificidade de cada curso, há casos em que existe o predomínio de atividades práticas e que não podem ser realizadas de forma virtual; não habilitação ou dificuldade por parte de estudantes e professores/as na utilização de ferramentas digitais; muitos/as estudantes, por terem algum tipo de deficiência, não possuem, em suas residências, estrutura e apoio adequados para a realização de atividades online; a preocupação por parte de estudantes inseridos/as dentro do perfil de vulnerabilidade social [...].

Mesmo diante de todos os desafios já apresentados, o Coletivo Negro Magali da Silva Almeida se mobilizou para pensar em formas de manter o debate étnico racial expondo criticamente as demandas da população negra, em meio à crise sanitária global do Covid-19. Para isso, as redes sociais do Coletivo tiveram grande papel mobilizador. Por meio do *Instagram*, compartilhamos produções e reflexões dos integrantes do Coletivo, interagimos com estudantes de outras universidades e cursos e tentamos fortalecer vínculos e articulações políticas mesmo diante da pandemia.

Uma das articulações muito importante realizada pelo Coletivo Negro Magali foi a aproximação das assistentes sociais negras de Santa Catarina. Essa articulação surge pautada em vários elementos. Dentre eles, a necessidade dos estudantes negros, negras e negres verem-se representados no exercício profissional das/dos assistentes sociais. Essa realidade de exclusão da população negra de espaços de maior prestígio social, principalmente na região Sul do Brasil, pode ser sintetizada na reflexão do professor Sales Augusto dos Santos (2008) da Universidade Federal de Brasília acerca da relação entre educação, representatividade, gênero e as desigualdades sociais demarcadas nas diferentes regiões do país:

Lamentavelmente as desigualdades na esfera da educação são gritantes, por exemplo, em geral os homens brancos nascidos nas regiões Sul ou Sudeste são mais escolarizados e tendem a adquirir maior destaque social em nosso país. Na contramão desse processo estão as mulheres negras, especialmente as nascidas nas regiões Norte e Nordeste e com baixa escolaridade (SANTOS, 2008, p. 914).

Conforme apontado pelo professor, existe uma demarcação regional nas desigualdades sociais do Brasil. A região Sul do país é caracterizada por ter homens brancos com maior escolaridade, e como reflexo, maior ascensão econômica. Essa realidade também está materializada nos cursos universitários, principalmente os cursos considerados de maior prestígio social, como Medicina e Direito. Esses cursos ainda têm uma comunidade estudantil majoritariamente branca. Já em cursos considerados de menor prestígio social, e com isso, menores notas de corte nos

vestibulares, a comunidade estudantil costuma ser mais diversificada. No entanto, essa “diversidade” ainda precisa ser ampliada. Temos como exemplo o curso de Serviço Social da UFSC, que tem um baixo percentual de estudantes negros. Essa realidade também vai ser refletida no corpo docente, já que ainda em 2020, temos apenas uma professora negra no curso. Para além dos muros da Universidade, a representação negra no exercício profissional em Santa Catarina ainda é muito reduzida. Por isso, uma das demandas do Coletivo é a aproximação com as profissionais negras do Estado com a finalidade de fortalecer uma rede que muito além da representatividade; pauta-se também políticas, formações com a temática racial e também que fosse uma ponte entre a universidade e o mercado de trabalho. Como primeiro passo dessa articulação, realizamos um encontro virtual de caráter organizativo, com duas integrantes do Coletivo e duas assistentes sociais negras que atuam na Política de Assistência na região da Grande Florianópolis. Nessa reunião, colocamos nossas expectativas em relação à aproximação, compartilhamos nossos relatos como estudantes negras dentro da universidade e ouvimos as profissionais falarem sobre suas experiências. Compreendemos que essa aproximação seria fundamental para estudantes e profissionais e que poderíamos por exemplo discutir abertura de campo de estágios. Como resultado desse encontro, criamos um grupo no *Whatsapp*, no qual seriam convidados a participar os/as/es integrantes do Coletivo Magali, como também os profissionais negres. No primeiro momento, apenas 2 integrantes do Coletivo entraram no grupo, já que ainda estávamos em fase de estruturação. Uma das assistentes sociais ficou responsável por convidar os outros profissionais negres a participarem do grupo. Após esse período organizativo, entendemos que seria importante realizarmos um espaço de apresentação e acolhimento, onde pudéssemos nos conhecermos, nos olharmos (ainda que virtualmente), trocar afetos e experiências. No dia 7 de agosto de 2020, às 19:30, realizamos esse encontro pela plataforma *Google Meet*. Mesmo com todas as dificuldades materiais e estruturais, conseguimos um espaço de quase duas horas com assistentes sociais de diferentes áreas de atuação. Para além da importância política desse espaço, composto integralmente por mulheres negras (estudantes e profissionais), destacamos também o impacto e a potência que esse encontro gerou. A possibilidade que nós, enquanto estudantes, tivemos de ouvir outras mulheres negras, que exercem a profissão que estamos nos qualificando para exercer, gerou acima de tudo esperança. Sabemos que existe uma rede de mulheres negras, assistentes sociais em Santa Catarina, que compreendem a importância de enegregreecer a profissão e sabemos que essa articulação, também tem esse objetivo. Como resultado desse encontro, preparamos um material de vídeo que foi amplamente divulgado em nossas redes, socializando com os/as/es estudantes, esse projeto de articulação. Ainda estamos nos estruturando e sabemos o quanto o contexto da pandemia dificulta esses projetos. Mas também entendemos que esse primeiro passo de fortalecimento de vínculo já foi uma iniciativa potente e encorajadora.

A compreensão do estar junto, ainda que fisicamente separados, é um dos dilemas de atuar em coletivo durante a pandemia. Mas ainda assim, tentamos avançar em nossos debates e projetos. Uma das percepções do Coletivo, é que além das lutas realizadas dentro da universidade, temos também que fortalecer as lutas da cidade, das comunidades, onde está majoritariamente o povo negro. Para isso, é fundamental a articulação com outros coletivos e militantes negros. Com esse acúmulo, militantes do nosso Coletivo integram outras organizações, entidades e espaços de luta que também pautam a centralidade da questão étnico racial. As aproximações, além de muito formativas, nos fortalecem enquanto rede, e nos ajudam a compreender as diversas frentes de luta e seus respectivos potenciais organizativos em que os nossos militantes estão inseridos.

Pensando no fortalecimento de outros³³ estudantes negres da Universidade, iniciamos alguns

33 O uso do “es” é uma prática adotada pela linguagem neutra, que tem como objetivo “mostrar a desconstrução de gênero, o rompimento do binarismo nas formas escrita e falada” (LAU, 2017, p. 2).

projetos que dialogavam com outros Coletivos Negros. Para o dia Internacional da Mulher Negra, Latina, Americana e Caribenha, comemorada no dia 25 de julho, nos articulamos com o Coletivo de Mulheres Negras da Universidade Federal de Santa Catarina (Campus Araranguá), Coletivo Muneara, como também com outras frentes de militância negra, a fim de construirmos coletivamente um calendário de atividades para a semana. Ainda em relação a essa data, o Coletivo Negro Magali da Silva Almeida produziu um vídeo em homenagem a Tereza de Benguela, sendo que esse material também teve grande repercussão nas redes sociais. Outra construção Coletiva da qual também participamos da construção foi o grupo de estudos QUARITERÊ (nome em homenagem ao quilombo liderado por Tereza de Benguela). Esse grupo é uma iniciativa do Núcleo de Estudos Negro (NEN), Coletivo Ilera (UFSC Araranguá), Muneara (UFSC Araranguá), Coletivo Ori da psicologia (UFSC campus Trindade) e o Coletivo Magali. Esse grupo de estudo se propôs a estudar coletivamente o livro RACISMO ESTRUTURAL³⁴ do Silvio Almeida. Os encontros do grupo são quinzenalmente, aos sábados. Após reuniões de estruturação, entendemos que como espaço formativo, seria muito importante que os grupos fossem abertos para pessoas negras e não negras, já que o debate da questão étnico-racial é de suma importância para toda sociedade. Como metodologia do grupo, foram adotadas reuniões quinzenais com duas horas de duração. Uma semana antes de cada encontro disponibilizamos uma síntese do capítulo que será estudado, para que aqueles que por algum motivo não puderem ler o capítulo, tenham também um resumo do que será debatido. O interesse pelo grupo de estudo também foi surpreendente para todos da organização, pois assim que lançamos a divulgação, criamos um grupo no *Whatsapp* para os interessados e tivemos mais de 100 pessoas em menos de uma semana. A quantidade de participantes tem oscilado, mas os encontros têm atingido o objetivo de aprofundar a discussão.

Outra atividade extremamente importante realizada pelo Coletivo Magali foram as lives pelo *Instagram*. Um dos principais compromissos do coletivo é fortalecer e fomentar o debate da questão étnico-racial. Por isso, uma das nossas tarefas foi pensar em temas que seriam relevantes para serem discutidos nesse contexto pandêmico, e convidar integrantes do movimento negro para dialogar conosco sobre o assunto. Tratamos temas como: A saúde da população negra no contexto da pandemia, o papel da branquitude na luta antirracista, necropolítica³⁵, os povos indígenas e a pandemia, racismo, genocídio e imobilismo social, espiritualidade, imigração afro diaspórica no Brasil, interseccionalidade e gênero, trabalho doméstico, cultura e negritude e também transformação social e política a partir de mulheres negras. Esses espaços foram muito importantes para o Coletivo, porque toda a organização desses eventos foi realizada pelo Coletivo Magali, por estudantes negros do Serviço Social, alguns das fases mais avançadas, outros das fases iniciais, mostrando assim a característica educativa e formativa da composição desses espaços, onde os próprios integrantes do Coletivo mediarão as discussões.

Para além das atividades formativas, o coletivo Magali também compreende o papel político que temos enquanto Coletivo Negro. Por isso, nos somamos e nos posicionamos nos debates acerca da implementação do Ensino Remoto na Universidade, compusemos GTS que debateram a temática, participamos de assembleias deliberativas, reuniões puxadas pelo diretório acadêmico e conselho universitário. Utilizamos nossas redes sociais para socializar nosso posicionamento totalmente contrário à implementação do ensino remoto em nossa universidade, justamente por saber o impacto que essa modalidade de ensino, que também é um projeto político, teria em nossa formação.

34 ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

35 Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo negro, historiador, teórico político e professor universitário camaronense Achille Mbembe que, em 2003, escreveu um ensaio questionando os limites da soberania quando o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer.

Também utilizamos nossas redes sociais para apresentação do nosso Coletivo, apresentar nossos objetivos e princípios, contar a nossa história, o porquê termos esse nome, homenagear assistentes sociais negras que admiramos, e também outras militantes negras que abriram caminho para que pudéssemos estar aqui hoje, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Marielle Franco e tantas outras que não caberiam nas páginas deste artigo. Também consideramos muito importante utilizarmos nossas redes sociais para apoiar as pautas do Conjunto CFESS/CRESS³⁶, por compreendermos a importância da ampla divulgação dessas campanhas, como por exemplo a campanha intitulada “Gravidez infantil é tortura”.

Por fim, também consideramos importante pontuar nesse relato que o Coletivo Negro Magali da Silva Almeida também é um espaço de acolhimento e afeto. O contexto da pandemia nos impôs uma realidade muito complexa, triste, onde tivemos que lidar com a perda repentina de pessoas que amamos, com a precarização ainda mais latente de nossas vidas, já que tantos estudantes se viram numa situação totalmente instável, sem permanência estudantil, alguns sem ter como que arcar com seus aluguéis e demais contas, com várias demandas psicossociais entre muitos outros enfrentamentos. Nesse período, no qual o isolamento social é uma estratégia de contenção do Covid-19, muitos de nossos militantes seguiram trabalhando em prol do sustento de suas vidas. A realidade está longe de ser justa. Tivemos que lidar dia após dia com os reflexos das desigualdades sociais e do racismo estrutural. Mas assim como nossos antepassados fizeram, nós também seguimos resistindo. Entendemos que a universidade é um espaço de luta, e que essa estrutura não foi pensada para população negra, pobre, periférica, LGBTQI+; no entanto, estamos reivindicando esses espaços. Uma das importantes políticas que tem assegurado a entrada de estudantes negros e negras na universidade, é a lei 12.711/2012, que implementa a política de cotas na graduação. Muitos estudantes do nosso Coletivo são frutos dessa política que inclusive está sendo ameaçada por esse governo fascista e conservador. Como resposta a todo esse contexto caótico, que foi ainda mais agravado pela pandemia, nós, Estudantes Negros da Universidade Federal de Santa Catarina, continuamos nos organizando e nos movimentando, como bem apontado no livro organizado pela Jurema Werneck (2012) sobre saúde da população negra, sabemos que “os nossos passos vêm de longe!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência do Coletivo Magali com a nova dinâmica adotada para prática de ensino aprendizagem trouxe reflexões no que cerne ao uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, frente as condições sociais dos estudantes.

Tal prática contribuiu para compreender que, embora nesse momento seja necessário manter o distanciamento social como medida de combate a pandemia causada pelo novo corona vírus e conseqüentemente passar pelo processo de adaptação aos meios tecnológicos, é preciso refletir sobre “o novo normal” e não perder o horizonte que o ensino presencial jamais pode ser substituído pelo ensino remoto.

O atual momento exige compreender que estamos em estado de exceção, embora não declarado oficialmente, onde a democracia está ameaçada e aquilo que é direito ganha espaço para ser suspenso, alterado ou modificado.

36 Conselho Federal de Serviço Social – Conselho Regional de Serviço Social

Além disso, é importante problematizar quem consegue acompanhar essa nova modalidade de ensino e quais serão os estudantes que ficarão fora do novo normal, como esse relato de experiência se propôs demonstrar, por mais que estejamos nos organizando coletivamente para pensar em estratégias de manter o debate étnico racial presente na vida dos estudantes. Ainda que tenha distância, sabemos que muitos estudantes não terão condições materiais e psicossociais de dar continuidade aos estudos por meio dessa estrutura excludente que se apresenta por meio do ensino remoto emergencial na UFSC.

O Coletivo Negro Magali da Silva Almeida segue como um espaço de luta, organização e reivindicação para estudantes negras, negros e negres da Universidade e para quem quiser fortalecer a luta antirracista. Esse relato, para além de compartilhar a nossa experiência no período pandêmico, visa mostrar que mesmo quando a estrutura social e institucional se planeja para nos excluir, nós resistimos!

REFERÊNCIAS

BATISTA, Luiz Eduardo; SILVA, Jurema Werneck da; LOPES, Fernanda. *Saúde da população negra*. Brasília: ABPN, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. *Política de Cotas nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio*. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm.

BRASIL. Ministério da Saúde. *O que é Covid?* Brasília, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 20 set 2020.

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. *Código de Ética do Assistente Social*. 1993. Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_1993.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2020.

GOMES, Vânia Thais Silva *et al.* A Pandemia da Covid-19: Repercussões do Ensino Remoto na Formação Médica. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, v. 44, n. 4, e114, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000400602&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set 2020.

MUNANGA, Kabenguele. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global Editora, 2016.

LAU, Diego Héilton. *O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? Não! A voz “delus”*. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

OLIVEIRA, E. PASSAMANI, G. ROSA, M. DUQUE, T. Salve-se quem puder. *Cadernos de Campo*. São Paulo, 1991, v. 29, n. supl, p. 65-74, 22 jun. 2020.

MUNANGA, Kabenguele. Considerações sobre as Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior. In: PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da. *O negro na universidade: o direito a inclusão*. 1ª ed, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007, 160 p. Disponível em:

[http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/Livros%20\(atualizacao%20do%20site\)/O%20negro%20na%20universidade%20-%20o%20direito%20a%20inclusao.pdf](http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/Livros%20(atualizacao%20do%20site)/O%20negro%20na%20universidade%20-%20o%20direito%20a%20inclusao.pdf). Acesso em: 18 set 2020.

SANTOS, Sales Augusto dos. Ações afirmativas: polêmicas e possibilidades sobre igualdade racial e o papel do estado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. -, n. 16, p. 913-929, set. 2008.

SILVA, Joscimar. Ensino remoto emergencial em contexto de pandemia. *Notícias UFMG*, Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ensino-remoto-emergencial-em-contexto-de-pandemia> . Acesso em: 20 de set. 2020.